

O ESTUDO DO PALEOLÍTICO DA ÁREA DO RÓDÃO

GEPP (*)

I. INTRODUÇÃO: HISTÓRIA DAS PESQUISAS

Os primeiros elementos identificadores duma ocupação humana paleolítica na região de Vila Velha de Ródão datam de 1971, ocasião em que uma equipa do GEPP ali se deslocou com a intenção de efectuar prospecções nos terraços do rio Tejo naquela zona, cumprindo assim uma direcção de pesquisa que traçara ¹.

Daquela campanha de campo veio a resultar, contudo, o reconhecimento do primeiro núcleo (Fratel) do que viria a ser o Complexo de Arte Rupestre do Tejo. A importância e sobretudo a urgência (em vista da ameaça de submersão pela albufera da barragem de Fratel) daquele conjunto de gravuras viriam a fazer concentrar todos os esforços no seu levantamento, com os evidentes prejuízos para os estudos paleolíticos.

Apesar de tudo, desde o primeiro momento e à medida que ia sendo possível constituir equipas especificamente consagradas ao estudo da arte rupestre, foi-se relançando a pesquisa no âmbito do paleolítico. Identificaram-se estações paleolíticas de superfície um pouco por toda a área; fizeram-se as primeiras leituras de cortes; avançou-se no sentido do tratamento morfo-técnico e tipológico do material lítico recolhido.

Deste esforço resultou, em 1973, o primeiro trabalho sobre o paleolítico do Ródão ². Nele se fazia já um primeiro levantamento de locais de interesse paleolítico: Cascalheira Quaternária da Fonte das Virtudes (CQFV), Cascalheira do Porto do Tejo (CPT), Cachão do Algarve (CAL), Urgueira (URG) e S. Simão (SS). Estudaram-se ao todo 149 artefactos, sendo 61 seixos unifaciais, 24 seixos bifaciais, 5 seixos poliédricos, 38 lascas trabalhadas e 21 lascas residuais. Deve notar-se, porém, que o significado histórico daqueles materiais estava largamente limitado pela sua proveniência de recolhas superficiais. Daí, aliás, toda a orientação geral do estudo para a pesquisa morfológica e formal, desenvolvendo uma metodologia de suporte que se pretendia universalmente válida, de acordo com o princípio da análise descritiva «concebida independentemente do tempo, das culturas e, em larga escala, da natureza tecnológica dos testemunhos» ³.

* Colaboraram neste trabalho os seguintes membros do Grupo para o Estudo do Paleolítico Português (GEPP): António Carlos Silva, Carlos Martinho Pimenta, Francisco Sande Lemos, José Mateus, Luís Raposo e Maria João Coutinho.

¹ Tal programa de pesquisa definia-se então como «a revisão de jazidas anteriormente estudadas, assim como o conhecimento de novas estações... orientando os estudos para a pesquisa dos terraços fluviais do interior». Estes princípios eram alicerçados nas observações de diversos autores, desde Jalhay e A. Paço (1941), Zbyszewski (1966) até E. C. Serrão e V. O. Jorge (1971).

² «Materiais Líticos dos Depósitos Quaternários de Vila Velha do Ródão», III Congresso Nacional de Arqueologia, Porto, 1973.

³ Leroi-Gourhan, «La Préhistoire», pág. 244, PUF, Paris, 1968. Esta linha de pesquisa veio a ser retomada sucessivamente, ainda com base nos materiais líticos do Ródão, no II Colóquio Internacional de Pré-História (Morella, Espanha, 1975) e no IX Congresso da UISPP (Nice, França, 1976). Veja-se a este propósito a comunicação inserta nas Actas deste congresso (no prelo), sob o título «Analyse Descriptive de Galets Aménagés — Un Éssai».

Aquelas limitações levaram-nos, no entanto, desde logo, à formulação das seguintes permissas para o desenvolvimento do estudo do paleolítico da região:

- «1. Necessidade de reduzir as prospecções de superfície e criar colecções de material recolhido «in situ», para cada um dos terraços;
2. Ampliar o estudo a todos os terraços da região;
3. Procurar sistematicamente cortes naturais ou artificiais nos quais possam ser levadas a cabo recolhas de sedimentos para análises e estudos granulométricos...;
4. Estabelecidos os dados sedimentológicos referentes a cada formação, comprará-los entre si e conciliá-los com as observações de carácter geomorfológico (ex.: verificar se a formações de altitude idêntica correspondem idênticos dados sedimentológicos);
5. Integrar os resultados obtidos na história geológica do rio Tejo.»

Foi precisamente com base nestes objectivos de pesquisa que temos conduzido a nossa actividade naquela zona desde então.

De 1973 até ao presente tal orientação traduziu-se já pela descoberta de conjuntos líticos «in situ», pela identificação de uma importante ocupação acheulense, bem definida quer tipologicamente quer no seu contexto geomorfológico, de vestígios mustierenses e, num caso limitado, de uma indústria bem definida atribuível ao paleolítico superior. No plano geológico («latu sensu») também se avançou no sentido de um levantamento dos terraços, da sua altimetria, da leitura de cortes, da recolha e análise de amostras sedimentológicas. Nesta matéria tem-nos sido particularmente útil o contacto com investigadores naqueles domínios ⁴, contacto que, se por um lado nos permitiu avançar um pouco, veio trazer-nos sobretudo a consciência da amplitude do que deve ser um estudo sério sobre quaisquer estações paleolíticas em formações quaternárias fluviais. Daí que nos procuremos lançar numa nova fase de pesquisas, de acordo com um projecto de trabalhos que dê resposta às questões que adiante referiremos.

Esta notícia surge, por consequência, numa ocasião em que decorrem diversos trabalhos de campo e de gabinete que a seu tempo poderão vir a fornecer elementos mais completos e seguros, susceptíveis de serem integrados nos estudos específicos de cada estação (das mais importantes) que projectamos elaborar proximamente. Daí que ela vise fazer o ponto da situação, dar a conhecer o que já se identificou e as hipóteses de trabalho que encaramos e, finalmente, apresentar os projectos de trabalho a desenvolver.

Por razões diversas, entre as quais a da própria natureza e objectivos desta revista, vamos limitar-nos a apresentar as estações paleolíticas mais importantes e a evidenciar nelas os elementos de natureza arqueológica, deixando para a parte final do trabalho a referência ao conjunto de problemas que estas estações levantam.

II. ESTAÇÕES E LOCAIS ARQUEOLÓGICOS MAIS IMPORTANTES

De certo modo é sempre difícil isolar jazidas em cascalheiras de formação fluvial. Quando se trata de recolhas superficiais é talvez mais correcto falar-se em «manchas de ocupação». Daí que deixemos de lado a referência a locais de interesse paleolítico (Urgueira, por exemplo) que apenas forneceram artefactos incaracterísticos (seixos

⁴ Agradecemos aos drs. Galopim de Carvalho (sedimentólogo, Faculdade de Ciências de Lisboa), Maria Fernanda Alegria (geógrafa, Instituto de Geografia, Faculdade de Letras de Lisboa), Carlos Mata (geólogo) e Alferez Delgado (geólogo e paleontólogo, Faculdade de Geologia de Madrid) que, sob formas diversas, nos têm prestado precioso apoio.

e lascas) e de superfície. Num ou noutro caso, apesar da proveniência superficial é possível ou até evidente a caracterização tipológica dos materiais; neste caso referi-los-emos. Finalmente, há também o caso de estações em camada ou de cortes de terraços (e outros depósitos) que forneceram artefactos «in situ»; serão também referidos e detalhados.

A jusante das Portas do Ródão

1. VILAS RUIVAS

A estação paleolítica de Vilas Ruivas é um dos locais integrados no nosso trabalho de 1973 no que então se denominava por Cascalheira Quaternária da Fonte das Virgens (CQFV). A sua localização é a seguinte:

39° 38' 20" de latitude norte

7° 41' 56" de longitude oeste Greenwich ⁵

As primeiras prospecções ali realizadas datam de 1971. Situa-se na margem direita do Tejo, a jusante das Portas de Ródão, próximo da estância termal da Fonte das Virtudes ⁶ e da povoação das Vilas Ruivas.

Trata-se de um terraço médio (± 32 m), litologicamente semelhante a todos os outros da mesma altura, quer a jusante, quer a montante das Portas do Ródão (quartzito, quartzo, alguns — raros — elementos de xisto e matriz areno-argilosa). A estratigrafia observada num corte ali existente revelou:

1. Cobertura silto-arenosa, erudida, sem elementos grosseiros;
2. Camada areno-argilosa, com grande percentagem de elementos grosseiros no sector W;
3. Camada de grandes seixos de quartzito (base do nível anterior);
4. Camada de elementos pequeno/médios, bem calibrados, embalados numa matriz areno-argilosa, vermelha viva, com fenómenos de redução.

Dada a relativa extensão do corte (cerca de 100 m) puderam-se verificar fenómenos de variação lateral de «facies», na composição das camadas desta sequência, o que não se deve estranhar tendo em vista as condições de formação dos depósitos fluviais.

O material lítico recolhido, à superfície, em cortes e em duas valas de sondagem já realizadas, é abundante (embora com uma quantidade relativamente pequena de utensílios) ⁷ e tipologicamente homogéneo no interior de dois grupos:

1. Um acheulense evoluído, composto por uma utensilagem à base de lascas, seixos unifaciais, um biface e núcleos, alguns dos quais discóides, associado às camadas 2 e 3 e nalguns casos apenas a esta;
2. Um paleolítico superior, por enquanto ainda difícil de precisar dada a insuficiência da amostragem recolhida, composto por grande percentagem de peças de sílex, algumas de quartzito e outras de quartzo. Este conjunto lítico é constituído por buris, onde o tipo de buril de ângulo sobre trancadura é o mais frequente (apenas um buril diedro), por uma raspadeira ⁸ em extremo de

⁵ De acordo com a carta n.º 314 (Vila Velha de Ródão) dos Serviços Cartográficos do Exército

⁶ O GEPP agradece ao sr. Manuel Valente, proprietário desta estância termal, toda a amabilidade na cedência de instalações e serviços durante as campanhas de campo.

⁷ Veja-se o QUADRO I.

⁸ Utilizamos o termo raspadeira no sentido de «grattoir» e raspador no sentido de «racloir», embora esta opção seja arbitrária, dado ser possível no vocabulário português a inversão de sentidos entre ambos (prática, aliás, frequente).

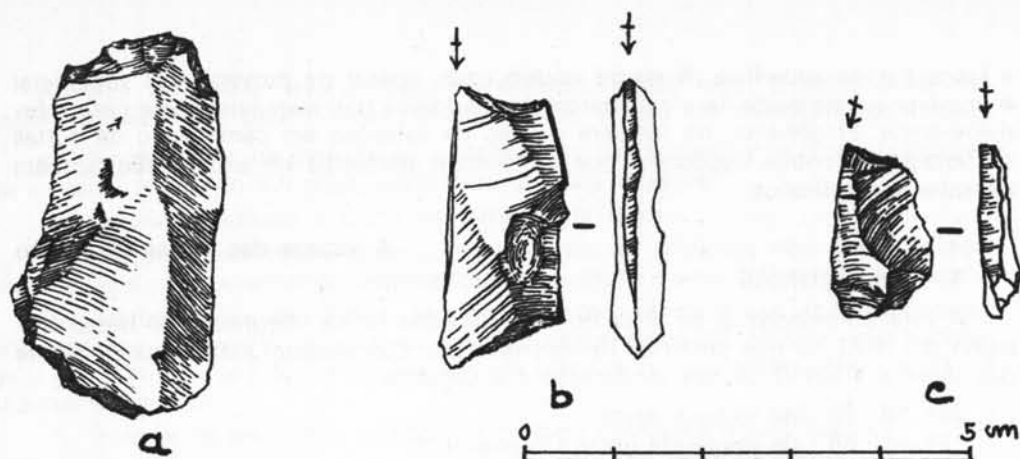


Fig. 1 - Várias peças do conjunto lítico do paleolítico superior de Vilas Ruivas (a-raspadeira sobre lâmina curta, b-buril-truncadura: buril de ângulo, sobre truncadura + truncadura proximal oblíqua, c-buril sobre truncadura côncava)

lâmina curta, vários núcleos, alguns deles reutilizados como raspadeiras, etc. (fig. 1) Este conjunto surge à superfície, sobre a camada 1 e estende-se a zonas onde ela já foi totalmente erodida.

Esta estação é a que presentemente melhores condições reúne para um aprofundamento local dos trabalhos estritamente arqueológicos, o que se deve não só às suas características materiais de localização e sedimentação (cortes-guia, níveis relativamente pouco espessos), mas também e principalmente às próprias condições de jazida dos materiais arqueológicos, «in situ» e claramente associados, pelo menos no caso de uma das duas sondagens realizadas, a um horizonte bem definido. Também a grande quantidade e homogeneidade dos conjuntos líticos identificados aconselha, por seu lado, a realização do seu estudo e divulgação em pormenor.

A montante das Portas do Ródão

2. PORTO DO TEJO I

A zona que designámos por Porto do Tejo I não constitui de modo nenhum uma estação arqueológica, mas antes um conjunto de estações e locais de interesse arqueológico. Foi objecto de prospecções desde a campanha de campo de Setembro/1976. Corresponde ao espaço compreendido entre a ribeira do Açafal, a montante, e a ribeira do Porto do Tejo, a jusante, ao longo da margem direita do Tejo, até à Estrada Nacional n.º 18. As coordenadas geodésicas são as seguintes:

39° 38' 53" de latitude norte

7° 40' de longitude oeste de Greenwich ⁹

Toda a zona é constituída por vários níveis de terraços, tendo sido os terraços médios de ± 32 m e o de ± 52 m que forneceram maiores quantidades de material lítico.

As recolhas provêm na sua maioria das zonas de desmantelamento dos terraços e das rampas (depósitos de coluvião) existentes entre eles, principalmente entre o terraço de ± 32 m e o de ± 15 m ¹⁰. Também se recolheram algumas peças em cortes.

⁹ Estas coordenadas foram tiradas em relação a um ponto da zona considerado central.

¹⁰ O desenvolvimento desta rampa coluvionar foi também observada por Alferez Delgado no Tejo, em Toledo. Cf. «Estudios del sistema de terrazas del río Tajo a W de Toledo», Facultad Ciencias, Universidad Complutense de Madrid, 1974 (no prelo).

Um deles, coluvionar, o da Sr.^a da Alagada (corte n.º 5) forneceu um biface acheulense. Em toda a área e particularmente no terraço de ± 52 m, recolheu-se grande número de núcleos discóides de pequenas dimensões.

A zona do Porto do Tejo I é aquela onde se encontra melhor representada a sequência de terraços até ao nível de ± 52 m. Também é possível definir nesta zona dois horizontes distintos de formação de coluviões, entre os vários terraços, recobrimdo os seus respectivos taludes de separação.

Reunidas as condições de trabalho de que adiante falaremos (cf. III) será necessariamente esta a zona que melhores possibilidades oferece para uma compreensão da evolução dos depósitos quaternários do Ródão.

3. PORTO DO TEJO II

A zona que designámos por Porto do Tejo II corresponde ao que no nosso trabalho de 1973 era considerado como Cascalheira do Porto do Tejo (CPT). Situa-se na margem direita do Tejo, entre a ribeira do Porto do Tejo e a extremidade SW da mesma povoação, sendo limitada no interior pela Estrada Nacional n.º 18, que estabelece a separação entre estes depósitos fluviais e os depósitos de vertente relacionados com o maciço quartzítico do Ródão. As coordenadas geodésicas são as seguintes:

39° 38' 55" de latitude norte

7° 40' 17" de longitude oeste Greenwich

Trata-se dum terraço baixo (± 15 m) que se encontra coberto por uma espessa camada de aluviões modernos (níveis de cheia), o que impede a sua conveniente leitura.

Nos raros sectores onde foi possível identificar um desmantelamento deste terraço procedeu-se à recolha de quantidade assinalável de material lítico, composto por uma grande percentagem de núcleos (discóides, glubolosos e para lâminas), seixos unifaciais, seixos bifaciais e lascas trabalhadas. No todo trata-se de um conjunto lítico evoluído, mas que é difícil caracterizar claramente, em razão das condições aleatórias da recolha e da insuficiência da amostragem.

Os terraços baixos, de que o do Porto do Tejo II é um exemplo, são os que mais dificuldades levantam ao seu estudo. De facto, se é raro, nas circunstâncias actuais, identificar o seu topo, é impensável, sem profundos trabalhos de sondagem, determinar a base e as sequências para níveis ainda mais baixos (talvez até abaixo do nível actual do rio), que não conseguimos identificar.

4. CELULOSE DO TEJO

A estação da Celulose do Tejo localiza-se nas imediações da actual Fábrica de Celulose Tejo, tanto a NW como a SE deste complexo industrial. Foi identificada no decurso da campanha de campo de Abril/77. As coordenadas geodésicas são:

39° 39' 36" de latitude norte

8° 40' 10" de longitude oeste de Greenwich

Trata-se de uma série de formações fluviais que cobrem uma parte da bacia de afundamento do Ródão. Pertencem, não ao Tejo, mas a uma rede lateral (ribeira do Porto do Tejo) pouco organizada; este facto, aliás, coloca-nos a questão, a ser referida mais à frente, da importância e interesse específico da rede lateral, como elemento enriquecedor (e complementar) das observações da rede principal (do Tejo).

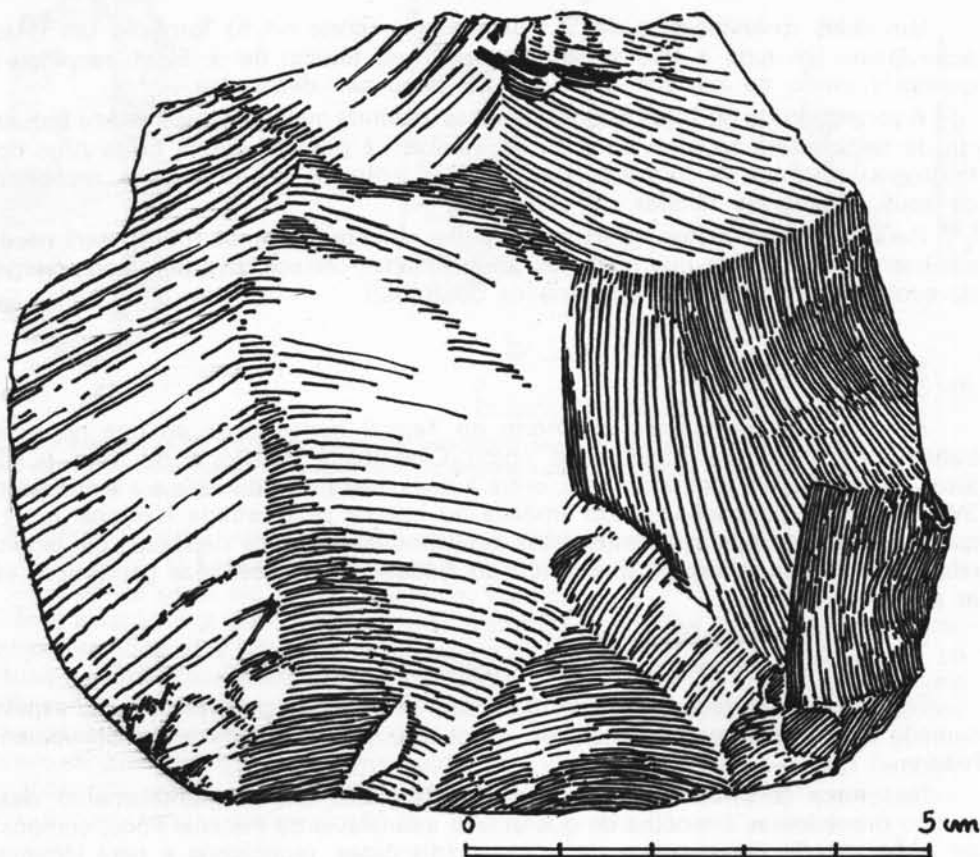


Fig. 2 - Núcleo discóide da estação Celulose do Tejo

Litologicamente compõe-se por elementos de xistos, rolados ¹¹, havendo também quartzo e quartzito rolados.

Num corte no sector SE recolheram-se dois núcleos discóides, de dimensões médias e preparação bem marcada. Aliás é também desta estação, mas de superfície, um conjunto bastante homogéneo, atribuível ao paleolítico médio, constituído por uma indústria à base de núcleos discóides e elementos de técnica levallois. Deve notar-se a existência de algumas peças, como a representada na fig. 2, que constituem núcleos discóides obtidos a partir de lascas para o efeito devidamente preparadas através de um talhe marginal na face de lascagem.

Este conjunto lítico trata-se do único que pode definir com certa segurança o horizonte técnico mustiero-levalloisense. É óbvio, no entanto, que para atribuir a este horizonte um significado cultural é necessário um aprofundamento da pesquisa e uma ampliação da amostragem existente. Mas o certo é que para outros conjuntos aparentemente semelhantes (com núcleos discóides) nem aquela atribuição é possível de momento (veja-se o que sobre o assunto afirmamos na parte final deste trabalho).

¹¹ Todos os terraços da rede fluvial lateral do Tejo nessa zona apresentam este elemento em elevadíssimas percentagens. Já o mesmo se não poderá dizer em relação aos terraços assinalados na zona das ribeiras do Lucriz e do Cocherro.

5. MONTE DO FAMACO

A estação do Monte do Famaco foi descoberta no decorrer da campanha de Abril/77, quando se procedia a uma prospecção sistemática da região com o objectivo de reconhecimento geológico e arqueológico ¹². Situa-se na margem direita do Tejo, a montante da ribeira do Açafal. As coordenadas geodésicas são as seguintes:

39° 38' 38" de latitude norte

7° 39' 25" de longitude oeste de Greenwich

Do ponto de vista geológico esta estação corresponde à plataforma de ± 32 m e, nessa medida, surge representada na carta geológica da zona como terraço quartário. No entanto, convém esclarecer com maior rigor esta atribuição. Efectivamente, após a realização de valas de sondagem no local parece-nos antes tratar-se de uma superfície de cobertura, coluvionar, sendo duvidosa a existência no local de um verdadeiro nível de terraço que, em todo o caso, a existir, estará quase por completo desmantelado. Numa das valas que realizámos o depósito coluvionar assenta directamente sobre o substrato xistoso; noutra sondagem já foi possível observar um hipotético nível de terraço, porventura conservado pela irregularidade topográfica do substrato, e coberto pelo mesmo depósito de colúvio. Mas a identificação clara do terraço de ± 32 m nesta zona só foi possível num local mais a SW do Monte do Famaco, sobranceiro ao Tejo, onde um corte ali existente revelou já a ausência da cobertura atrás mencionada.

Deve notar-se que o desenvolvimento desta cobertura coluvionar está correlacionado com os horizontes bem definidos (e desenvolvidos) do Porto do Tejo I, apenas separados desta estação pela depressão da ribeira do Açafal. Seria mesmo estranho que assim não fosse, já que este tipo de horizonte tem um significado muito próprio, correspondendo a características paleo-climáticas bem definidas e generalizáveis a uma extensão apreciável.

Arqueologicamente trata-se da mais importante estação até agora identificada no Ródão. Foi precisamente o seu interesse arqueológico que nos levou a um aprofundamento do estudo do local. Dos dados já obtidos pode-se concluir que a ocupação arqueológica é posterior à cobertura coluvionar acima referida. Os materiais líticos encontram-se fortemente concentrados o que indica a sua produção local (acampamento de ar livre), mas não se integram em nenhum contexto estratigráfico. Um outro dado a ter em conta é a intensa eolização a que parte da indústria lítica esteve sujeita; eolização que varia de grau tanto de peça para peça, como no interior do mesmo artefacto. A pátina das peças é relativamente homogénea embora variada, salvo uma pequena série de artefactos, composta sobretudo por núcleos discóides do mesmo género dos referidos para a estação da Celulose do Tejo.

Esta série representa o único grupo de peças não integrável no conjunto industrial mais importante desta estação. De facto, mais de 90% do material pertence a uma série, de pátina homogénea (embora não esteja presente em todas as peças e em outras o esteja de forma mais acentuada) e tipologicamente definidoras de um acheulense muito rico em bifaces, «hachereaux» e raspadores sobre lasca. O talhe sobre lasca é, aliás, muito comum, estendendo-se ao grupo dos bifaces e «hachereaux».

Bifaces

Existem diversos tipos de bifaces. De um modo geral são espessos, à excepção de alguns realizados sobre lasca; apresentam normalmente parte do córtex reservado

¹² A sua descoberta foi noticiada na imprensa da altura: «O Diário» de 11-4-77 e 18/4/77, «A Luta» de 11/4/77, «Diário de Notícias» de 18/4/77, «Diário de Lisboa» de 23/4/77; etc.

e perfis assimétricos. As dimensões comprimento / largura também variam bastante, pelo que a aplicação dos índices propostos por F. Bordes se poderá revelar útil.

Quanto à técnica de talhe encontram-se alguns exemplares de gume bem regularizado, com várias séries de levantamentos e outros cujo gume se apresenta sinuoso, em razão de ter sido obtido por levantamentos relativamente grandes e profundos (talhe alterno, com percutor duro).

A categoria morfológica que P. Biberson define como «proto-bifaces» encontra-se também representada. Num agrupamento provisório a que procedemos integramos na categoria de «unifaces» todas as peças que, embora talhadas apenas no anverso, revelam a intenção de obter uma forma apontada, através duma (ou mais) série de levantamentos centríptos que, nalguns casos poderão ser considerados na linha técnica da fabricação de bifaces ¹³.

«Hachereaux»

Este grupo tipológico encontra-se bem representado, (mais de 10% num primeiro agrupamento, não considerando as categorias das lascas e dos núcleos, cf. Quadro III) o que é significativo dada a sua pouca importância no acheulense europeu.

A amostragem já recolhida permitirá a realização de estudos morfo-técnicos interessantes. Desde logo podem agrupar-se estes artefactos em dois subgrupos: «hachereaux» nucleares (de talhe unifacial e bifacial) (este é o caso da peça fotografada e desenhada na fig. 3: «hachereau» bifacial, sobre seixo) e «hachereau» sobre lasca. Tanto num caso como noutro os exemplares existentes são variados e permitem a realização de um catálogo de formas muito completo ou a sua integração nos já existentes (Tixier, Balout Chavaillon...) ¹⁴. É muito comum, em qualquer das categorias consideradas, um tipo de talhe marginal, que mantém reservadas as zonas proximal e nuclear do utensílio. Também existem alguns «hachereaux» biface de formas diversas.

O bisel é geralmente transversal (nalguns casos desviado), recto ou, por vezes, côncavo. Em muitos casos todo o talhe é realizado em função dele, sendo portanto posterior à sua obtenção.

Núcleos

A amostragem já recolhida compõe-se por grande número de núcleos de dimensões médias e grandes, sobre seixo espesso ou achatado, informes e globulosos. Estão também representados os núcleos discóides, embora raros, mas claramente diferenciáveis (pela pátina) daqueles que referimos na pequena série que acompanha este acheulense.

Apesar da quantidade assinalável de núcleos recolhidos não se pode considerar que a amostragem seja inteiramente representativa, em vista da fraca presença dos grandes núcleos para a extracção das lascas enormes (clactonenses), que, como veremos, são uma característica bem marcada desta indústria lítica.

¹³ Deve notar-se a diferença entre esta categoria e a dos «seixos unificiais», onde tal intenção não se encontra manifestada. Nos termos da Terminologia Tradicional esta categoria deve fazer-se corresponder aos «coup-de-poings unificiais».

¹⁴ Este grupo levanta a questão da insuficiência das Tipologias existentes, em particular a de Tixier, adaptada aos conjuntos líticos africanos. Também as propostas de Chavaillon parecem não satisfazer, dada a ocorrência significativa de «hachereaux»-biface e «hachereaux»-uniface, sobre seixo, mas em qualquer caso bem distintos do tipo denominado por «biface de bisel terminal». Teremos então de aprofundar estas questões quando procedermos ao estudo tipológico dos materiais desta estação, o que faremos monograficamente, incluindo outras perspectivas de estudo (geologia, geomorfologia, trabalho de campo, etc.).



Fig. 3 - «Hachereau» do Monte do Famaco (bifacial, sobre seixo) fotografia e desenho

Raspadores

Pode considerar-se importante a quantidade deste tipo de instrumentos, se relacionado com as restantes categorias e o número total de peças. A grande maioria pertence ao grupo dos raspadores sobre lasca, embora os haja de natureza nuclear.

Os raspadores simples, rectos ou ligeiramente convexos, de gume transversal ou lateral são os que surgem em maior quantidade. No entanto, existem alguns raspadores duplos, de retoque mais ou menos regular e bifacial em certos casos. O gume é linear ou, menos frequentemente, sinuoso, de perfil quase denticulado. Alguns gumes resultam de um retoque complexo, composto pela sobreposição de várias séries de elementos; outros são definidos simplesmente por uma série de levantamentos, nem sempre contínuos.

Uma característica muito própria do grupo dos raspadores desta estação é a existência de várias peças com um retoque sobre a face de lascagem. Este facto é curioso dado que o retoque assim realizado, sobre lascas espessas, é plano, por vezes invasor, originando gumes pouco cortantes, mas sólidos.

Lascas

Consideramos nesta categoria (provisoriamente) os seguintes conjuntos:

- Lascas muito grandes, extraídas de núcleos que em grande parte desconhecemos e que poderão estar na base da obtenção de grande parte das peças que integrámos nas categorias precedentes (bifaces, «hachereaux», etc.);
- Lascas de tamanho médio, extraídas dos núcleos globulosos e informes, parte das quais preparadas posteriormente para serem utilizadas como raspadores;
- Lascas pequenas, associáveis a núcleos de dimensões médias e pequenas ou ao resultado do talhe dos instrumentos nucleares.

Em qualquer destes grupos está claramente definida uma técnica clactonense (ângulos de lascamento obtusos, talão largo, bolbo muito desenvolvido). É possível que ao se proceder a um estudo pormenorizado das lascas se venham a encontrar elementos que completem o quadro de utensilagem agora esboçado.

Em síntese, pode afirmar-se que a indústria lítica do Monte do Famaco constitui um conjunto de características muito claras (em quantidade e diversidade de utensilagem), exemplares até, e nalguns casos originais, o que conduzirá necessariamente à sua integração no âmbito do acheulense peninsular e das suas relações com o do Norte de África, podendo representar, «a priori», as fases médias evoluídas daquela indústria lítica.

6. SERRANOS

Zona situada nas imediações do marco geodésico «Serranos», próximo da povoação do Salgueiral. Coordenadas geodésicas:

39° 39' 14" de latitude norte

7° 36' 27" de longitude oeste de Greenwich

Trata-se do nível de terraço mais alto (± 135 m) até agora identificado. Todos os terraços altos, de grande extensão no caso dos de ± 95 m, encontram-se em adiantado estado de erosão e é difícil encontrar neles cortes profundos. Compõem-se por uma camada relativamente fina (de cobertura), de elementos de quartzo e quartzito bem rolados, que assentam directamente sobre um substracto arcósico (arcoses da

Beira). Apenas num caso (cortes do Salgueiral) foi possível observar o seu desenvolvimento parcial. Trata-se, contudo, do nível inferior ao dos Serranos. Neste os cortes observados podem considerar-se insignificantes.

Um pouco por toda a parte (tanto nos terraços de ± 95 m como nos de ± 135 m) verificou-se a cobertura destas formações por uma ocupação paleolítica produtora de médios e pequenos núcleos discóides de pátina reduzida. Em Serranos, zona melhor prospectada, recolheu-se um número razoável daquele tipo de instrumentos e de lascas trabalhadas. É difícil, no entanto, e pouco provável, que se venha a conseguir encontrar materiais deste horizonte em contexto estratigráfico, pelo que as recolhas superficiais continuarão a ser o único processo para a obtenção de informação sobre ele (referimo-nos, é óbvio, ao caso das formações do Tejo). Daí a dificuldade em definir com rigor esta ocupação humana tão generalizada¹⁵, que cobre praticamente toda a região, em todos os níveis de terraços.

Estas foram as estações ou locais de interesse arqueológico que nos pareceu útil individualizar e descrever nas perspectivas da geologia e da arqueologia. Do conjunto de dados que fica registado ressalta uma ocupação humana paleolítica na zona do Ródão que se pode definir como generalizada e diversa. Antes de passarmos à parte de racionalização dos dados obtidos, importa fornecer um último: os totais de material lítico recolhidos em cada estação. É isso que o quadro I indica.

QUADRO I

	Vilas Ruivas	Porto Tejo I	Porto Tejo II	Celulose do Tejo	Monte Famaco	Serranos	Várias (*)	TOTAIS
Seixos unifaciais	51	8	—	—	63	1	1	124
Seixos bifaciais	1	5	—	—	15	2	4	27
«Unifaces»	3	—	—	—	12	—	—	15
Proto-bifaces	—	—	—	—	22	—	—	22
Bifaces	1	1	—	—	35	—	—	37
«Hachereaux»	—	—	—	—	26	—	—	26
Núcleos	27	12	3	1	111	—	2	156
Núcleos discóides	8	11	—	6	4	5	—	34
Raspadores	—	—	1	—	44	—	—	45
Lascas	378	36	20	16	221	14	18	703
TOTAIS	469	73	24	23	553	22	25	

TOTAL GLOBAL: 1189 artefactos

- * Incluem-se nesta alínea vários locais de interesse arqueológico (Casal da Ribeira, Nove Oliveiras, Corte do Poço, etc.), alguns dos quais forneceram materiais líticos «in situ». Dada a sua fraca representatividade numérica e proximidade geográfica foram, no entanto, integrados numa mesma rubrica.

NOTA: Este quadro refere-se apenas aos artefactos já registados. Deve notar-se que a consideração destas categorias é provisória, havendo algumas que apenas foram consideradas para parte das estações referidas (raspadores, por exemplo), outras tipologicamente mal definidas («unifaces» por exemplo) e outras ainda que, quando estudadas em profundidade, permitirão certamente um desdobramento e enriquecimento dos quadros tipológicos (as «lascas», por exemplo).

¹⁵ Recusamos, como pressuposto já adquirido, a identificação automática dos núcleos discóides (designação morfo-técnica) com o horizonte mustierense («núcleos mustierenses»). É muito provável ser esta a identificação real, mas é também possível que este tipo de artefactos se entenda muito no tempo acompanhando estádios técnico-culturais do paleolítico, muito mais avançadas.

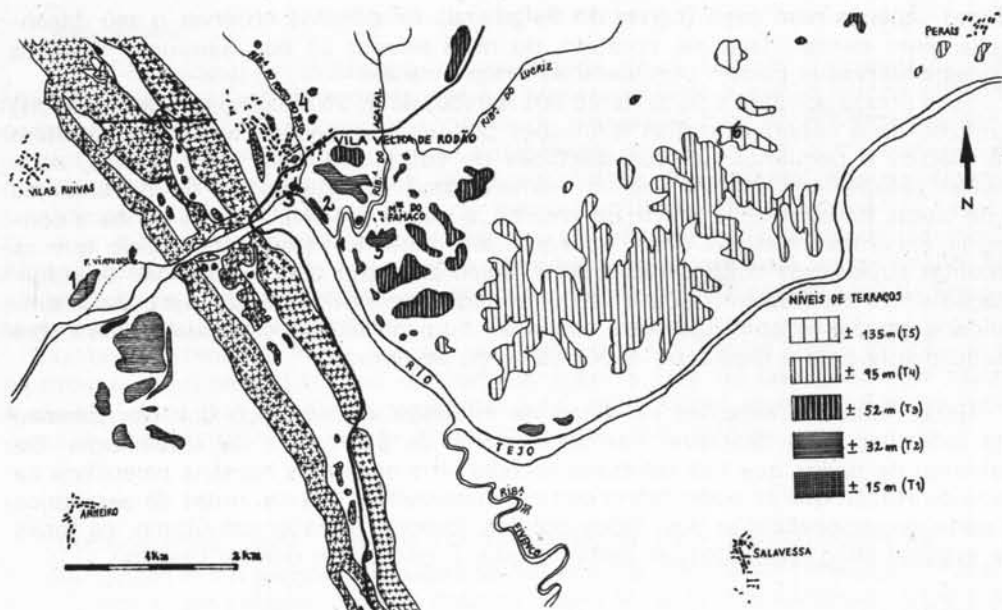


Fig. 4 - Mapa geral dos terraços quaternários do Ródão (estações paleolíticas: 1-Vilas Ruivas, 2-Porto do Tejo I, 3-Porto do Tejo II, 4-Celulose do Tejo, 5-Monte do Famaco, 6-Serranos)

III. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos até aqui apresentado os principais elementos já adquiridos. Deixámos propositadamente de lado a discussão das questões que eles nos colocam e ainda estão por resolver ou, no mínimo, podem ser consideradas controversas. Tais problemas, de ordem geológica e de ordem arqueológica (esta largamente condicionada por aquela), devem ser pensados, ainda que conduzam mais a interrogações do que a respostas.

Esquemáticamente pode considerar-se a seguinte ordem de problemas:

1. NÍVEIS DE TERRAÇOS

Baseámos as nossas observações iniciais na Carta Geológica ¹⁶ e nas minutas de campo da zona (elementos em si insuficientes). A partir destes dados procedemos a uma prospecção sistemática (ainda não concluída) com os objectivos de delimitar cartograficamente as terraços já registados, de anotar as suas altimetrias e de os compreender em termos geomorfológicos.

Apesar de nos faltar ainda um levantamento altimétrico rigoroso (capaz de estabelecer os limites do desenvolvimento das formações) e de tal ser difícil de realizar dada a inexistência de cortes profundos (reveladores de todas as unidades sedimentares de cada formação) e dada a espessa cobertura dos terraços por depósitos posteriores, apesar disto, é possível, com certa segurança, estabelecer a seguinte sequência de níveis:

¹⁶ Carta e Notícia Explicativa da folha 28-B dos Serviços Geológicos de Portugal.

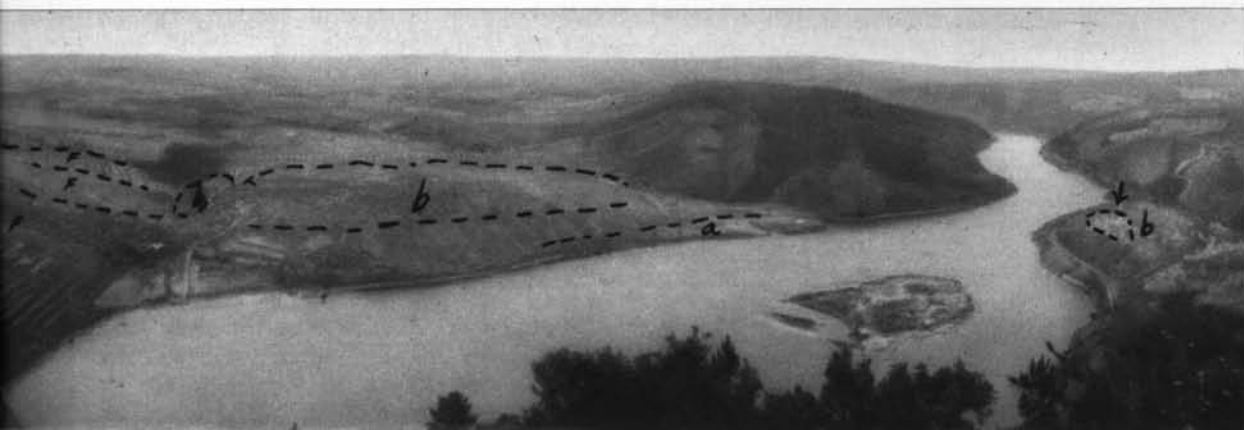


Fig. 5 - Panorâmica dos terraços a jusante das Portas do Ródão (a-terraço de $\pm 15m$, b-terraço de $\pm 32m$, F-depósitos de vertente): a seta indica a estação paleolítica das Vilas Ruivas



Fig. 6 - Panorâmica dos terraços a montante das Portas do Ródão

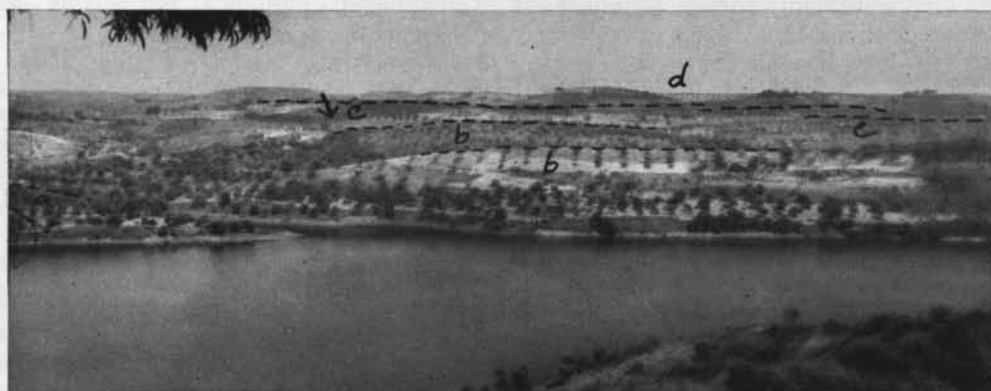


Fig. 7 - Panorâmica parcial dos terraços a montante das Portas do Ródão—zonas do Porto do Tejo I e Monte do Famaco (a-terraço de $\pm 15m$, b-terraço de $\pm 32m$, c-terraço de $\pm 52m$, d-terraço de $\pm 95m$, e-terraço de $\pm 135m$): a seta indica a estação paleolítica do Monte Famaco

1. Níveis holocenos (01 e 02)

2. Nível de terraço (T1) de ± 15 m

Identificado no Porto do Tejo I, Porto do Tejo II e a jusante das Portas do Ródão, na margem esquerda do Tejo, entre a ribeira do Vale e os depósitos de vertente do maciço quartzítico. Apresenta-se coberto quase por completo por aluviões modernos, à excepção de alguns pontos onde foi possível observá-lo à superfície. Não existe nenhum corte significativo que o permita estudar.

3. Nível de terraço (T2) de ± 32 m

Identificado praticamente em toda a área do Ródão (cf. fig. 4). Encontra-se separado do anterior por um talude desenvolvido, recoberto por uma espessa rampa coluvionar. Foi possível observá-lo com clareza apenas nos cortes de Vilas Ruivas, Parque Infantil e Foz do Açafal (situado entre a estação do Monte do Famaco e o Tejo). Litologicamente compõe-se por quartzito e quartzo, pouco xisto e matriz areno-argilosa, avermelhada.

4. Nível de terraço (T3) de ± 52 m

Identificado no Porto do Tejo I e Quinta do Famaco. Encontra-se separado do T2 por um talude menor que o anterior, recoberto por uma rampa coluvionar. Foi observado, parcialmente, num corte na zona do Porto do Tejo II. Ao contrário dos precedentes o xisto está nele praticamente ausente. É provável (e até evidente) que se venha a verificar o desdobramento deste nível (T3-T4) em dois terraços, o que não considerámos nesta sequência pura e simplesmente por absoluta falta de elementos.

5. Nível de terraço (T4) de ± 95 m

Identificado em larga superfície ao longo da margem direita do Tejo, a montante das Portas do Ródão (Urgueira, Areias Brancas, Cachão do Algarve, Perais, etc.). Apenas se localizaram dois cortes deste terraço (Salgueiral), absolutamente distinto do anterior quanto ao rolamento dos seus elementos, mas idêntico na composição litológica. Encontra-se bastante erudido.

6. Nível de terraço (T5) de ± 135 m

Identificado em Serranos e em duas outras manchas situadas a N. Não se localizaram cortes significativos. Constituição litológica semelhante ao anterior.¹⁷

Esta sequência refere-se à rede fluvial do Tejo, sendo ainda de considerar a existência de redes fluviais laterais, com altimetrias diferentes, onde os terraços baixos se encontram até melhor representados do que no rio principal (cf. o que ficou dito acerca dos terraços do Porto do Tejo I).

2. CRONOLOGIA DAS FORMAÇÕES

À falta de elementos paleontológicos e de conjuntos arqueológicos suficientemente significativos (em termos de contexto e de representação completa da sequência quaternária), qualquer tentativa de esclarecimento desta questão só pode assentar

¹⁷ Existem níveis fluviais mais elevados, mas não os considerámos porque devem ser anteriores à instalação da rede quaternária (ou flúio-quaternária), organizada do rio Tejo.

nas observações de carácter geomorfológico. Estas encontram paralelo nos estudos de F. Alferez Delgado sobre o Tejo, em Toledo (cf. nota 10). É sob reserva que procedemos ao ensaio de relação que se segue (quadro II), mas existem motivos suficientes para o fazer. Percebe-se uma correspondência genérica que se justifica dado o carácter extensivo deste tipo de fenómenos no interior de cada unidade geográfica do rio.

QUADRO II

Cronologia	Alferez Delgado -Tejo em Toledo		G.E.P.P. -Tejo no Ródão				Locais de observação
	Terraços	Coluviões	Terraços	Coluviões	Formação Coluv.	Eolização	
Wurm	T0: -25m-?		?	*		±(?)	M. Famaco(eol.)
Riss	T1: 5-12/14m		?		(?)	ou ±(?)	P. Tejo II, Rib. do Vale, etc. Sra. Alagada
	T1': 14-20m		±15m(T1)	*	(?)		
Mindel	T2: 32-40/45m	*	±32m(T2)	*	Coluv.		V. Ruivas, etc. M. Famaco
VILAFRANQUIANO	T3: 50-63 m		±52m(T3)				P. Tejo I, etc.
	T4: 72-85m		?				A. Brancas, etc.
	T5: 90-110m		±95m(T4)				
	T6: 115-130m		?				Serranos
	T7: 135-150m		±135m(T5)				
	T8: 160-180m		?				
Plioc. Super.							

De notar a estreita correspondência entre os níveis de terraços baixos e médios, sendo as lacunas correspondentes aos terraços altos resultantes da insuficiência dos elementos até aqui identificados no Ródão. Quanto aos fenómenos de coluviação foi possível definir na região que estudámos dois horizontes, um dos quais também patente em Toledo (entre os terraços de ± 15 m e ± 32 m) e outro entre os terraços de ± 32 m e ± 52 m. Estes dois horizontes coluvionares estão datados pela indústria lítica recolhida. De facto um deles é anterior à ocupação acheulense (rissiana) do Monte do Famaco e posterior à formação do terraço de ± 32 m (mindelião?). Tendo em conta que estes fenómenos se podem relacionar com os períodos interglaciares propomos provisoriamente uma datação do Mindel-Riss. Quanto ao segundo horizonte, já que ele próprio inclui na sua composição uma indústria acheulense, deverá ser posterior ao Riss (Riss-Wurm?).

Finalmente o fenómeno de eolização representado na indústria do Monte do Famaco deve ser associado a um período de características glaciares (Riss final?, Wurm?).

3. INDÚSTRIAS LÍTICAS

O paleolítico da região do Ródão divide-se, com base nos elementos actuais, em 3 grandes grupos industriais, cada um deles com problemas tipológicos e problemas de contexto próprios.

Os materiais acheulenses parecem representar diferentes fases da evolução daquele conjunto industrial. Do ponto de vista tipológico a estação do Monte do Famaco é a que permitirá estudos mais completos. O acheulense de Vilas Ruivas, para além de ser ainda quantitativamente reduzido (em termos de utensílios), comporta sobretudo problemas de situação estratigráfica complexos, ainda por resolver, já que se encontra «in situ», coberto por uma formação (camada 2) que, se bem que de origem fluvial, parece não ser relacionável com o terraço que recobre ¹⁸. Com efeito não seria possível conceber um acheulense de carácter evoluído «in situ» no interior de um terraço que, em princípio, pela sua altura, deve ser mindeliano.

O único local onde se encontrou «in situ», em terraço, um conjunto lítico atribuível, em princípio, ao acheulense foi o corte de Nove Oliveiras, relacionado com uma rede fluvial lateral (ribeira do Lucriz) e ainda não estudado.

Um pouco por toda a área identificámos também um conjunto de artefactos, pouco patinados e associáveis ao complexo técnico do paleolítico médio. Apenas num caso (Celulose do Tejo) se encontraram núcleos (em número de dois) claramente mustieróides. Foi também nesta estação que se recolheram algumas lascas levallois.

É, no entanto, difícil atribuir a este grande conjunto, geograficamente disperso, uma caracterização tipológica precisa. É bem possível que muitos dos pequenos núcleos discóides que recolhemos se estendam a períodos do paleolítico mais avançados.

Finalmente, a representação de uma indústria lítica, em sílex, do Paleolítico Superior, à superfície, em Vilas Ruivas, é muito interessante, até porque constitui o primeiro vestígio deste grande período no interior-centro de Portugal. Trata-se de uma amostragem reduzida e por isso impossível de caracterizar em pormenor, mas em todo o caso atribuível àquele período.

Em síntese é possível estabelecer o seguinte quadro:

QUADRO III

Indústrias líticas	Condições de jazida	Locais de observação
ACHEULENSE	— à superfície — «in situ» em terraço — «in situ» em coluv.	Monte do Famaco Nove Oliveiras (?) Sra. Alagada (P. Tejo I)
MUSTIERO LEVALLOISENSE	— à superfície — «in situ» em terraço	Celulose do Tejo, P. Tejo I, Serranos, etc. Celulose do Tejo
PALEOLÍTICO SUPERIOR	— à superfície	Vilas Ruivas

3. VIAS DE PESQUISA A PROSSEGUIR

É difícil avançar muito mais no conhecimento da ocupação humana paleolítica (e necessariamente do Quaternário) do Ródão se se atender unicamente às formações do Tejo nesta zona. Sem dúvida é possível pormenorizar as altimetrias de cada formação, estabelecendo um quadro de sequências mais completo, identificando outros

¹⁸ A análise das amostras sedimentológicas nela recolhidas, em particular o estudo das populações mineralógicas da fracção arenosa (sobretudo minerais pesados), já em realização, poderá vir a contribuir para um melhor esclarecimento deste particular.

níveis de terraços e definindo melhor a ocorrência e a amplitude dos horizontes de coluvião; é possível tentar um estudo mais detalhado de cada terraço, através, nomeadamente, da abertura de sondagens profundas, o que poderá conduzir ao conhecimento das condições de deposição das formações e, por consequência, ao seu envolvimento paleo-climático; é possível vir a encontrar conjuntos líticos «in situ» nos terraços médios; é possível vir a identificar estações reveladoras de ocupações humanas «en place» (Vilas Ruivas?); é finalmente possível (e isto tem sido até aqui ignorado no nosso trabalho na zona) a correlação entre todo o complexo de formações fluviais quaternárias e os diversos depósitos de vertente ligados ao maciço quartzítico do Ródão. Aliás, é mesmo possível que estes depósitos contenham uma importante informação arqueológica, sobretudo na zona de Vila Velha de Ródão.

Tudo isto é possível a partir das formações do Tejo, embora difícil de realizar dadas as condições geológicas atrás referidas. Existem, porém, elementos que nem difíceis se poderão considerar; antes serão de realização inviável. Exemplifiquemos: é impossível a leitura dos terraços baixos do Tejo: é impossível o estabelecimento dum quadro completo do Quaternário da zona só com base naquele conjunto de formações.

Presentemente só encontramos uma via para dar a resposta a tais questões: o estudo rigoroso da rede fluvial lateral do Tejo. De facto é nestas formações que se encontra uma grande diversidade de terraços contemporâneos dos que no Tejo se encontram cobertos por aluviões modernos ou afundados abaixo do nível actual do rio. A relação destas formações entre si e com as do Tejo é, no entanto, delicada (mas possível como observámos num corte dum terraço da Ribeira do Açafal fossilizado por uma camada coluvionar com origem no terraço de ± 52 m do Tejo). Aqui as informações de natureza arqueológica terão um papel muito importante a desempenhar, já que permitirão a integração recíproca das observações geológicas e pré-históricas do Tejo e da rede lateral.

GEPP
Julho / 1977

Résumé

Le Paléolithique de la région du Ródão (centre-intérieur du Portugal) est connu depuis 1971. Il se lie au complexe de formations quaternaires du Tage local et son réseau hydrographique latéral.

Le travail y développé a comme but encadrer les données de l'archéologie dans son contexte géologique. On a déjà réussi à étudier 5 niveaux de terrasses et 2 horizons colluvionnaires, que les auteurs mettent en rapport avec les observations plus complètes poursuivies sur le même fleuve à Toledo (Espagne).

On y trouve des industries lithiques en surface, «in situ» en terrasse et enveloppées dans les colluvions. Elles représentent trois grandes phases technico-culturelles du Paléolithique: (1) un acheuléen avec significatif pourcentage de bifaces, hachereaux et racloirs sur éclat; (2) un levallouso-moustérien encore peu défini et très dispersé; et (3) une industrie du Paléolithique supérieur qui constitue le premier élément qui identifie cette période dans tout le centre-intérieur du Portugal. Maintenant le travail s'oriente vers l'étude du réseau fluvial latéral du Tage, pour éclaircir les problèmes pas encore achevés

